

Em busca de uma definição transcultural de pecado

T. Wayne Dye¹

Cada cultura tem algum padrão de certo e errado. Isto não se descobre de maneira completa no comportamento das pessoas, como diz nosso autor, mas nos seus ideais. Estes ideais podem, em essência, ser paralelos próximos ao Decálogo, mas sua essência pode ser aplicada com ênfases amplamente variadas em situações da vida real de culturas diferentes. Se o missionário, zeloso pela essência das exigências justas de Deus, se baseia nas aplicações e ênfase da sua própria cultura, ele poderá experimentar pouca consciência de pecado em seus ouvintes e padrões confusos na igreja nascente. Reconhecendo plenamente o dilema que isto impõe no testemunho transcultural, o tradutor-linguista Dye encontra esperança e ajuda numa aproximação etno-teológica do problema.

Introdução

“Nossa igreja não estará preparada para a independência até que os crentes parem de viver pecando. Eles não tem vitalidade espiritual nenhuma.” Quantas vezes você já ouviu uma declaração parecida com esta? O fator que muitas vezes leva a este problema é que o missionário já lhes comunicou a natureza do pecado. Como isto pode acontecer e como este problema poderá ser enfrentado é o tema deste artigo.

O Problema Missionário

A maioria dos missionários já tiveram algum tipo de papel profético nos seus países de origem. Como cristão profissional, José Missionário geralmente se sente capaz de pressentir o que há de errado com os outros, pela observação do que há de errado com ele próprio. Isto funciona razoavelmente bem entre seus patrícios. Ele intuitivamente acredita que pode continuar a fazer isto no campo missionário. De fato, sendo a pessoa mais altamente treinada, dedicada e espiritual das redondezas, o José se sente bastante seguro de que isto vai continuar a ser a maneira de agir. Ele está num lugar que presumivelmente necessita ainda mais uma palavra do Senhor do que sua terra natal, assim naturalmente ele espera ser a pessoa indicada para dar esta palavra.

Mas, por mais que ele tente se adaptar externamente, o José vai a uma outra cultura, com uma carga pesada de bagagem cultural interiorizada. Muitas das coisas que ele naturalmente presume serem certas, sensatas e naturais, de fato não são bíblicas de maneira alguma, mas simplesmente fazem parte da sua própria cultura. Por exemplo, valores americanos como a eficiência, a pontualidade e a limpeza são muito importantes para muitos cristãos americanos, embora difíceis de serem baseados nas Escrituras. José provavelmente vai observar especialmente aquelas coisas da cultura estranha que estariam erradas na sua terra.

Sem dúvida, a cultura hospedeira, estando debaixo do julgamento de Deus, como todas as demais, terá erros graves que deverão ser corrigidos. De fato, quanto mais o José amar o povo, tanto mais ele se sentirá vexado por muitos dos seus costumes. Isto se torna uma das causas de um choque cultural, que daí em diante afeta sua percepção, de tal modo que ele se torna ainda menos capaz de aceitar os valores locais. Este processo tem sido descrito por Sally Dye (1974). Logo se torna difícil para José até se lembrar quais dos seus valores são meramente valores do seu país de origem e quais seriam baseados na Bíblia (se de

¹Extraído e traduzido com permissão de: “Toward a Cross-Cultural Definition fo Sin”, por T. Wayne Dye, em *Missiology*, Vol. IV, N°1 (janeiro de 1976), pp.27-41.

fato ele algum dia os diferenciou). Por exemplo, numa certa fase eu estava mais disposto a traduzir literatura sobre crueldade a animais como algo das Escrituras, porque o enfoque bahinemo de cuidar dos cachorros me frustrava tanto. Racionalizei que eu precisava de praticar alguma coisa direta e simples, antes de começar com a Bíblia.

O resultado é que o missionário prega sobre coisas que lhe parecem piores. Estes podem ser os pontos que preocupam as consciências dos seus ouvintes. Eles logo percebem quais ações ele condena, mas não tem idéia de que ele está falando de erros morais (a respeito do que eles tem conhecimento) e um senso de culpa (que eles estão experimentando). Eles não conseguem entender o que está insinuando. Algumas vezes, alguns indivíduos marginais reagem, mas geralmente os líderes morais se afastam, porque parece-lhes irrelevante. Ou todos podem desejar ser cristãos por causa de outros impulsos culturais. Assim, eles fielmente “confessam” coisas a respeito das quais não se sentem culpados e tornam-se cristãos sem nunca se arrependem das coisas que mais preocupam suas consciências.

Por exemplo, numa área com a qual eu estou familiarizado, o missionário evangélico local está extremamente preocupado com os problemas de poligamia, mastigar nozes-de-areca e fumar. No pensamento do povo local, bom comportamento é muito mais uma questão de evitar discórdia na aldeia do que aquilo que “comem”. Por isso, a desobediência a maridos e líderes, a recusa de hospitalidade e de pagamento entre clãs, e a expressão da raiva, para eles constituem pecados muito mais sérios.

O missionário local está ansioso por fazer o que é certo, mas nem sempre isto é comunicado ao povo. Ele é pão-duro, e não dá as coisas que eles compartilham normalmente; ele nem se preocupa o suficiente em aprender sobre suas obrigações de parentesco. Além disto, ele parece estar com raiva (“frustrado” como ele o vê) muitas vezes, assim aos olhos deles, ele peca frequentemente. Os líderes locais raramente prestam atenção a ele. Muitos dos seus convertidos não entenderam o significado de viver em obediência a Deus, e muitos caíram em pecado sexual.

Como resultado, o missionário está convencido de que ele mesmo precisa ser o juiz dos convertidos, porque eles não demonstram suficiente evidência de arrependimento real para que se confie neles. Ele me contou que enfatiza assuntos relativamente externos como fumar e mastigar nozes-de-areca, porque ele não conhece suficientemente bem as pessoas para assegurar-se se eles realmente estão amando, etc. Estes assuntos externos são os únicos “frutos dignos de arrependimento” que ele conseguiu identificar facilmente.

Este homem está enfrentando um problema difícil, mas o que um missionário poderia fazer de maneira melhor, com boa consciência? Para responder a isto é necessário determinar primeiro como o pecado é definido para qualquer cultura particular.

O que é Pecado?

A Escritura² fala de um padrão ou ideal definido e diz que não alcançar este padrão é pecado (Rom 3:23). Jesus torna claro que o padrão é amor de todo coração a Deus, e amor ao próximo como a si mesmo (Mat. 22:37-39). Então Ele acrescenta: “Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”. Em outras palavras, este tipo de amor é a essência supracultural da lei levítica. Paulo declara isto explicitamente em Rm 13:8-10, “... pois quem ama ao próximo, tem cumprido toda a lei. Por isso não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e, se há qualquer outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não pratica o mal contra o próximo, de sorte que o cumprimento da lei é o amor”.

Esta é a lei de amor a que João se refere quando ele diz: “Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei: porque o pecado é a transgressão da lei” (1 Jo 3:4). A Bíblia define este tipo de

²As citações bíblicas são da Edição Revista e Atualizada. Algumas palavras em itálico nestas referências refletem as ênfases do autor.

amor em termos negativos pelos Dez Mandamentos e por listas de pecados (Êx. 20:1-17, Mc. 7:21-23, Gl. 5:19-21). Defina-o positivamente pelo exemplo de Jesus, e pelos frutos do Espírito (1 Co 13, Gl 5:22-23).

Acredito que estas características definidoras também são universais. Uma evidência é que há características semelhantes nos ideais de conduta de todas as culturas. Proibições contra mentir, roubar, assassinar e adultério são virtualmente universais, embora aquilo em que consiste exatamente cada proibição possa variar de cultura a cultura. Eu vi isto em partes de Papua Nova Guiné e nas Filipinas onde ainda o povo não foi afetado pelos ensinamentos cristãos. Beals descreve um conjunto de normas morais semelhantes numa aldeia Hindu na Índia (1962:50-52). Em todos os casos, as regras ancestrais eram semelhantes aos dez mandamentos, mas o comportamento real ficava muito aquém destes ideais.

Tal informação não aparece frequentemente em etnografias, entretanto, porque é considerada irrelevante em muitas pesquisas antropológicas. Além disto, alguns antropólogos estão tão orientados a focalizar o comportamento real, que nunca exploram ideais e valores culturais. Por exemplo, um estudo de poliginia no México me pareceu peculiar à primeira vista, porque as mulheres geralmente viviam em aldeias diferentes e não se conheciam mutuamente. Finalmente tornou-se claro que esta cultura particular não tinha poligamia. Em vez disto, uma grande proporção dos homens mantinham amantes. O pesquisador, por engano, igualou a maneira em que o povo se comportava com o sistema de valores subjacentes da cultura. Aparentemente, ele nunca perguntou se o povo aprovava sua “poliginia” (como qualquer polígamo real faria) ou se eles de fato estavam se arruinando pela culpa do seu comportamento inaceitável (Nutini, 1965).

Embora estes princípios morais universais pareçam bastante claros, a realização verdadeira dos mesmos é em parte definida por cada cultura. Quais são exatamente as atitudes que demonstram benignidade, humildade, paz ou domínio próprio? (Gl. 5:22-23). Um executivo num país industrial está sendo paciente se espera dez minutos por alguém. Um bahinemo de Papua Nova Guiné não consideraria nenhum problema esperar por duas horas. Numa das aldeias de Mindanao, no sul, minha filha e eu recebemos presentes iguais ao salário de um mês, como demonstração de hospitalidade. Nos Estados Unidos, a hospitalidade mais generosa a um estrangeiro raramente chega a representar o salário de um dia.

Até declarações tão claras como os Dez Mandamentos tem, por assim dizer, limites indistintos. Por exemplo, é roubar pegar um brinquedo de uma criança numa calçada suburbana? Sim, nos Estados Unidos. Não, no México. No Israel antigo era permitido colher e comer frutas enquanto se passava pelo pomar de outra pessoa, mas isto seria reconhecido por qualquer pessoa como roubo nos dias atuais no Sul da Califórnia. Muitos Papuas de Nova Guiné vêem o meu costume cultural de deixar o cuidado dos anciãos para o Estado como uma violação muito clara do quinto mandamento. Meus irmãos bahinemo não entendem que tomar uma segunda esposa é adultério, mas para mim o seria. Parece que a essência de cada mandamento é clara, mas os limites são definidos de modo diferente por culturas diferentes. O padrão universal de Deus deverá ser cumprido em situações diversas, por comportamentos diversos.³

Mas o que, então, determina se uma ação particular representa pecado?

Princípios Bíblicos Envolvidos

O capítulo 2 de Romanos apresenta o princípio mais importante. “Eles (os crentes) mostram a norma da lei gravada nos seus corações, testemunhando-lhes também consciência e os seus pensamentos

³Embora qualquer discussão sobre pecado e consciência deva tratar de uma grande variedade de situações, esta visão não deve ser confundida com “ética situacionista” que é profundamente diferente. A ética situacionista encoraja pessoas a seguirem suas próprias racionalizações e interpretações de amor, em cada situação específica, mesmo que eles saibam que estas difiram das da Bíblia. O ponto de vista popular desta moralidade nova, ignora em grande parte a Bíblia como guia de conduta atual, apesar de que a formulação original de Fletcher (1966) sugere o uso dos dez mandamentos como diretrizes. A ética situacionista ignora também a necessidade de amor e obediência a Deus, a realidade do pecado e da culpa, e a importância de fazer o que se percebe ser justo a fim de crescer no entendimento do que é justo. Os propósitos deste trabalho, porém, baseiam-se na Bíblia, e incluem estes fatores ignorados pelos situacionistas.

mutuamente, acusando-se ou defendendo-se, no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho (Rm. 2:15-16). Segundo minha interpretação, isso significaria que cada pessoa tem uma consciência do que está certo, embora esta consciência esteja fortemente influenciada por sua cultura. No julgamento final, Deus vai julgá-lo com base na sua consciência condicionada por sua própria cultura.⁴

Jesus disse, “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles”; “O que está certo para cada pessoa depende de sua própria percepção daquilo que constitui o seu comportamento de amor.

Ele também disse que a extensão do pecado de cada pessoa depende da quantidade do seu conhecimento. “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum...” (Jo 9:41). “Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam...” (Jo 15:22). “Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez cousas dignas de reprovação, levará poucos açoites” (Lc 12:47-48). As cidades da Galiléia receberiam maior julgamento porque eles viram os milagres que Jesus fazia, mas não se arrependeram (Mt 11:20-24; 12:41ss). Em outras palavras, Deus julga de acordo com a capacidade limitada de entendimento de cada um.

A razão porque este padrão não resulta num caos no meio da comunidade Cristã, é que o Espírito Santo está trabalhando em cada crente, esclarecendo sua consciência e ensinando-o a respeito do que é certo para ele. Ele lembra ao crente a verdade bíblica e a aplicação específica à sua situação. Embora muitas passagens falem a respeito deste trabalho importante, somente algumas serão mencionadas aqui. Primeira João 2:27 diz, “... a sua unção vos ensina a respeito de todas as cousas, e é verdadeira, e não é falsa...”. Romanos 8 descreve como a obediência ao Espírito nos torna capazes de tratar, de maneira eficiente, da nossa própria natureza pecaminosa. Por exemplo, “Mas os que se inclinam para o Espírito... (terão) vida e paz” (8:5-6). Pecado, portanto, consiste em desobedecer este testemunho interno.

Até a consciência do não-crente, quanto a que está certo para ele pode ser mais exigente do que ele admite. Seu padrão interno será posto em jogo em toda sorte de ocasiões da sua vida diária, e Deus usará este padrão para julgá-lo. Isto explica algumas outras palavras de Jesus. “Pois como o critério com que julgardes, sereis julgados” (Mt 7:2). Por que? Porque você está consciente do que está errado, de outra forma você não o usaria como padrão para julgar outros. “Digo-vos que toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo; porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado (Mt 12:36-37).

Francis Schaeffer explicou este conceito em *Death in the City* (1968:112-113). Ele o comparou como gravador construído dentro da mente de cada pessoa. No julgamento, Deus fará com que a fita retorne, contrastando ocasiões em que um homem fez julgamentos morais de outras pessoas, com outras ocasiões em que ele mesmo fez aquilo que condenou. Pelas nossas próprias bocas seremos condenados.

Este pensamento ajuda a esclarecer o papel desempenhado pela consciência em trazer convicção. De um lado, uma pessoa pode cauterizar sua consciência, por continuamente não dar atenção à mesma (1 Tm 4:2). Além disto, a consciência é afetada pela cultura da pessoa. Por isso não pode ser exatamente igual à voz do Espírito Santo, nem pode ser um guia seguro para levar a pessoa ao centro da vontade de Deus para sua vida. Por outro lado, a consciência de cada pessoa, sobre certo e errado, é o canal principal através do qual o Espírito convence e esclarece (Pv 20:27). Sabendo isto, Jesus apela para as consciências dos fariseus hipócritas. Como resultado não conseguiram se decidir a condenar a mulher tomada em adultério (Jo 8:7-9). A mesma coisa acontece hoje. A pregação que leva à convicção do pecado, deve tratar de assuntos que estão preocupando as consciências dos nossos ouvintes.

Aplicação a Situações Transculturais

⁴Supomos que o autor trata da(s) cultura(s) em que ocorreram os acontecimentos gravados no Novo Testamento. A maior parte dos etno-teólogos evita, como potencialmente distorcivos, termos como cultura Bíblica ou cultura cristã.

O lugar da cultura no condicionamento da consciência é visto em 1 Co 8, onde um homem que vê um ídolo como algo vivo, peca se come da carne sacrificada ao mesmo. Paulo diz que por que o ídolo não é nada, de fato, nada há de errado em comer tal carne.

Este conceito todo é somado em Rm 14. Parece que a igreja de Roma estava dividida em dois assuntos: o que poderia ser comida e quais os dias especiais que deveriam ser observados. Quanto à primeira questão, os vegetarianos eram provavelmente os convertidos da idolatria; quanto ao segundo, aqueles que guardavam dias especiais eram provavelmente Cristãos Judeus (que podem ter sido os “missionários” nesta situação). Aparentemente, foi sua origem cultural diferente que levou a estas discordâncias sobre comportamento.

Na sua resposta, Paulo fez uma aplicação dos princípios acima. Não é o ato em si, que é importante, mas o caráter subjacente do nosso relacionamento com Deus (Rm 14:17). Um homem deve fazer o que crê que agrada a Deus, ou ser condenado (Rm 14:12, 18, 22, 23). Pessoas diferentes farão coisas diferentes, até opostas, para agradar a Deus (Rm 14:2, 3, 5, 6).

Deus não somente julga a cada um de uma maneira especial, mas de fato faz que todos consigamos em agradá-lo (Rm 14:4). Por isso, não devemos desprezar aqueles que se sentem obrigados a seguir regras que parecem ser irrelevantes, nem devemos sentir que somos mais espirituais do que aqueles que não seguem nossos padrões de comportamento cristão (Rm 14:10). Dito de outra forma, cada um de nós deve responsabilidade a Deus, e não aos outros. Somente o Mestre sabe exatamente o que ele deseja que cada servo faça. Não devemos julgar outra pessoa porque Deus pode estar guiando-a a obedecer de uma maneira bem diferente. Mas, apesar de tudo, devemos tomar cuidado para não fazer coisas que estão erradas para outros e que tentarão a seguir nosso exemplo (Rm 14:14-15, 20-21).

Estes princípios não implicam que Deus fique satisfeito com o entendimento que cada um tem quanto à justiça. Muito pelo contrário, Ele constantemente dirige cada um a um maior amor e obediência à Bíblia. Como o Espírito Santo ensina indivíduos, sociedades também são modificadas para haver mais justiça, misericórdia, e retidão moral. A história demonstra que reformas em várias sociedades tem sido repetidamente instigadas por cristãos responsáveis. Nenhum sistema cultural é totalmente agradável a Deus.

Este fato parece particularmente vívido quando o missionário encontra os padrões de moralidade numa cultura pagã. A sociedade pode estar bastante preocupada com ritos e outros aspectos do comportamento que parecem totalmente irrelevantes ao missionário. E pode não dizer nada sobre humildade ou crueldade ou algum outro assunto que ele sente ser importante na Bíblia. Pode tratar assuntos morais como civis, ou mesmo pessoais, que não dizem respeito aos deuses. Numa tal sociedade, o estado atual das consciências pode ser um reflexo muito pobre da vontade de Deus para a vida deles. Quando eles entram em contato com Deus, Ele indubitavelmente vai guiá-los a realizar mudanças na sua ordem social.

Mas, o fato de que algumas coisas que nós consideramos erradas, não são mencionadas no Novo Testamento mostra que Deus pode permitir que um longo tempo decorra enquanto os convertidos descobrem as implicações culturais de ser cristãos. Por exemplo, escravidão, tal qual era praticada no mundo romano, era bem mais cruel e desumana que qualquer coisa que missionários e cristãos nacionais condenam hoje. Mas, apesar disto, nunca foi condenada diretamente. As pessoas aprenderam, por meio da Bíblia, como podiam conviver com o sistema.

As implicações para hoje são claras. Eu não posso saber automaticamente como Deus tem ensinado uma coisa a outra pessoa. Um comportamento que para mim parece natural, pode violar sua consciência; coisas que violam minha consciência, podem não representar nada para ele. Naturalmente, dentro de uma unidade culturalmente homogênea, haverá grandes áreas de concordância entre as pessoas. Por isto, eu tenho a obrigação de compartilhar minhas convicções com outros, por que elas podem ser corretas para eles também. Entretanto, numa cultura diferente, as diferenças entre suas convicções e as

minhas serão muito maiores. Eu deveria lhes mostrar os princípios, ou melhor ainda, os encorajar a ler o que a Bíblia diz a respeito do tópico. Mas eu não devo fazer aplicações específicas, porque não sei o que Deus já tem ensinado às pessoas desta cultura. Por exemplo, fumar um cachimbo é errado para mim, mas certo para muitos irmãos europeus. Seria certo, por exemplo, para um canadense cristão de outra denominação? Não posso responder por ele.

Visão da Psicologia Ciência Comportamental

A ciência comportamental da psicologia pode nos ajudar a entender a maneira como o pecado se expressa em várias culturas. A maioria dos antropólogos chegou a aceitar o ponto de vista de Kenneth Pike, de que as pessoas de uma cultura específica compartilham um sistema interior, um ponto de vista comum, que molda sua percepção de realidade. Não há nenhuma forma de escapar disto, a não ser aprendendo uma nova cultura. Ele descreveu este efeito em detalhes (Pike, 1954), chamando de ponto de vista “êmico” (do participante culturalmente condicionado), em contato com o ponto de vista “ético” (do participante da cultura que observa). Cada qual, tanto o missionário quanto o nacional, percebem a realidade de modo condicionado pela sua cultura. A apresentação breve mais clara desta idéia apareceu em *Bibliotheca Sacra* (1957). Dentro de uma cultura específica, uma pessoa pode adivinhar como a outra percebe uma questão moral porque os dois estão trabalhando dentro do mesmo sistema mental ético. Entretanto, um missionário trabalhando numa cultura estrangeira não pode ver tão facilmente o que é certo para seus hospedeiros.

No contexto de cada cultura específica, portanto, podemos falar de “amor êmico” e de “pecado êmico”. “Amor êmico” é o comportamento entendido como amor nesta cultura. “Pecado êmico” é o comportamento que está de acordo com os ideais da cultura.

Os psicólogos estão começando a reconhecer que a culpa é uma realidade psicológica para cada pessoa. Mowrer, o pioneiro nesta “nova” maneira de ver a saúde mental, explica que muitos problemas psicológicos simplesmente não podem ser resolvidos até que a culpa seja admitida e tratada devidamente (1961).

O psiquiatra Karl Menninger diz “Mas na maioria dos seres humanos, um sentido de culpa é despertado pela consciência de participação de acontecimentos vistos como proibidos, desaprovados *incompatíveis com os ideais aceitos*, quer a designação “pecado” esteja envolvida, quer não. Sentimentos de culpa fazem crescer a necessidade para auto-justaposição em ataques posteriores, ou para compensação (expição) por meio de castigo (moral, físico, verbal, dolorido, ou meramente simbólico)” (1979:181-182) (ênfase acrescentada).

Há um conflito aparente entre o ponto de vista de Menninger e a distinção feita por muitos antropólogos entre culturas de vergonha e culturas de culpa (Lower 1970:82). A distinção antropológica não é mencionada tanto para negar a existência de culpa, mas para enfatizar que a desaprovação social de vergonha, que eu conheci, mostra uma consciência de culpa, exatamente como Menninger a descreve. Os mecanismos de auto-justificação social ou auto-punição ocorrem até certo ponto, sem levar em conta se há desaprovação social ou não. Mas na sua cosmovisão, uma ação errada faz mal principalmente quando rompe a ordem social, e isto não acontece até ela ser descoberta. Por isto, a culpa é muito maior quando outros ficam sabendo da mesma; tais sentimentos de culpa não podem ser distintos de sentimentos de vergonha.

Numa cultura de culpa, o mal proveniente de uma ação errada, segundo o que se crê, virá inevitavelmente, sem importar se os companheiros estão conscientes do que foi feito, ou não. A ideologia mais comum é que algum ser sobrenatural vê e castiga o malfeitor. Esta é a visão que prevalece nas grandes religiões do mundo, inclusive no Cristianismo. Uma segunda maneira de um ato errado inevitavelmente causar um mal é quando alguma coisa que se valoriza é maltratada pelo ato em si, como quando negligência causa um acidente. Este sentido de ter maltratado alguém ou algo aumenta o sentido de culpa, mesmo quando outros não estão conscientes do que foi de errado.

Norbech afirmou que em todas as culturas há uma variedade de sanções para o comportamento, com várias combinações de sanções contra cada ato errado (1961:185-187). Estas diferenças, assim como as diferenças de se perceber o mal que um ato errado acarreta, determinam se o foco numa cultura particular será de culpa ou de vergonha como restringente à ações erradas. Entretanto, são conscientes de ações erradas (embora possam não chamá-las de pecado) e eles tentam justificar-se a si mesmos e/ou encontrar algum modo de remissão.

Em resumo, a evidência da antropologia moderna e da psicologia, concorda com a explicação dada no Novo Testamento. Todas as pessoas tem uma consciência interna de certo e errado, que tem sido condicionada pelas suas culturas, mas ainda reflete a verdade de Deus. É o seu campo de batalha pela obediência à lei universal de amor, e é a base em que Deus vai julgá-los “naquele Dia”. Como Tiago diz, “Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisto está pecando”. (Tiago 4:17).

Efeitos de Ignorar Diferenças Culturais

Agora estamos numa posição melhor para entender o que há de errado com o José Missionário. Tentando manter um padrão universal para o pecado, o sob a pressão cultural, José entende duma maneira diferente do que seus ouvintes. Ele acha difícil acreditar que Deus nem fala com aquelas pessoas sobre comportamentos que a ele parecem claramente pecaminosos. Sem a aplicação dos princípios acima, a única coisa que ele sabe é pregar sobre “pecados” a respeito dos quais eles não estão convencidos, e que de fato podem não ser pecados para eles. Simultaneamente, ele ignora outros pecados que são problemas reais para eles. De fato José, não intencionalmente, assume o papel do Espírito Santo, em vez de cooperar com o Espírito Santo no seu trabalho.

Apesar de tudo isto, há conversões em tal tipo de pregação. Mas eles ainda encontram alguns problemas difíceis. Por exemplo, eles podem demorar muito para aprender o que Deus deseja deles, visto que o que ouvem do missionário não combina com o que ouvem através da consciência. Um resultado pode ser uma obediência servil a *tudo* que o missionário sugere ou faz, incluindo escovar os dentes e colocar flores na mesa. Esta incapacidade de funcionar independentemente, atrasa bastante o desenvolvimento de uma igreja autóctone.

Após um certo tempo, quando os convertidos já tiveram recebido ensino sobre toda a Escritura, ou se eles tiveram a Bíblia em sua língua, eles podem chegar a entender o quanto o ensino que receberam é diferente do seu próprio entendimento quanto ao que é correto. O resultado é uma igreja separada e independente. Barrett (1968) descobriu que entre mais de 6000 igrejas independentes na África, uma razão comum para a separação era esta: Os missionários estavam vivendo vidas inconsistentes. Em termos de Romanos 14, os Africanos estavam cansados de tentar viver pela consciência de outra pessoa.

Um grupo de nativos das montanhas da Nova Guiné aceitou o ensino missionário e foi batizado. Por alguns anos, eles pagavam os dízimos, iam aos cultos e seguiam o comportamento “cristão” da missão. Então, num certo dia, os líderes falaram ao missionário: “Agora já devemos ter feito o bastante para pagar a Jesus pela sua morte” (Irwin, 1972). E a seguir voltaram ao paganismo. Será que foi isto mesmo? Eles alguma vez teriam tido uma convicção real de pecado e perdão? Ou eles só ouviram falar sobre as coisas que seriam pecaminosas para o missionário se ele vivesse ali?

Cooperando com a Consciência

Uma orientação que visa utilizar a doutrina do pecado como apresentada neste trabalho, exige que o missionário comece como um aprendiz. Ele deve gastar o tempo e a preocupação necessários para aprender os valores e as regras da cultura e categorizá-las numa das três classes seguintes:

- a. Áreas nas quais o Espírito Santo já está convencendo.

- b. Coisas na cultura, a respeito das quais as pessoas não estão convictas, mas que entram em conflito com a Bíblia.
- c. Coisas na cultura que são compatíveis com a fé cristã, embora amargurem o missionário.

Tal categorização exige bastante cuidado. Estamos à procura de sistemas de valores e de significados. É importante ir além da superfície.

A Antropologia tem muito a ensinar no que diz respeito a técnicas para aprender estas coisas. Uma sugestão válida, que eu não vi impressa, veio de Kenneth Pike (correspondência pessoal). Ele sugere que as pessoas estudem as reações éticas do povo. Seres humanos são tão auto-defensivos que raramente admitem seus padrões quando seu próprio comportamento está em foco. Como Jesus mostra, suas percepções reais podem ser vistas no seu julgamento de outros.

O missionário deveria anotar sistematicamente quando e porque uma pessoa se sente ofendida, maltratada, ou explorada. O que faz que eles procurem se vingar? O que eles consideram bom? Que tipo de ofensas, segundo seu pensamento, causam o sistema ético e assim entender melhor as consciências daqueles que ele está tentando alcançar.

Mesmo depois de fazer tudo isto, suas respostas representam somente as primeiras aproximações. As respostas reais após um certo tempo serão declaradas pelos próprios convertidos, a medida que eles desenvolvem a sua salvação “com temor e tremor” (Fl 2:12).

Em conclusão, para continuar com esta maneira de proceder, deveriam ser dados os seguintes passos:

1. Aprender o sistema ético dos novos ouvintes em potencial.
2. Comparar o que você descobriu com sua própria cultura, e com a Bíblia. Tornar-se sensível aos pontos fortes e fracos seus e deles. Isto ajuda a ultrapassar pontos encobertos de etnocentrismo.
3. Aprender a viver uma vida cheia de amor de acordo com os padrões culturais deles (amor êmico) como testemunho a eles, sem ir contra sua própria consciência (2 Co 4:2). Para cada decisão que se faz, lembre a estrutura cultural em que você está pensando: sua própria cultura, a cultura deles, ou a cultura do Novo Testamento. Tome decisões dentro da estrutura cultural apropriada.
4. Pregar arrependimento para áreas em que o Espírito Santo já os está convencendo (pecados êmicos). Começar a ensiná-los com paciência sobre a preocupação e os padrões de Deus para com ações que, embora caibam na cultura, estão em conflito com a Bíblia. Ore para ser capacitado a aceitar aqueles aspectos da cultura que, embora amargos, são compatíveis com a fé cristã.
5. Também esperar pela atuação do Espírito Santo. Prestar atenção continuamente para descobrir como Ele está agindo e também para verificar o que você realmente está comunicando. Aprender a confiar no entendimento dos novos convertidos.
6. Ensinar os convertidos a obedecer e depender do Espírito Santo. Ensine-os como podem manter suas consciências abertas para que o Espírito Santo possa usar para ensinar novas verdades. Exponha-lhes a Bíblia, não apenas a forma “pré-digerida” do seu planejamento de ensino. Ensine-os a tirar dela os princípios que eles precisam para respostas sábias e cristãs.

Este enfoque realmente funciona. Temos experimentado sua eficiência em preparar Cristãos fortes e vivos para quem Jesus realmente é Senhor.

Um Exemplo

Termino com uma ilustração da pequena aldeia Bahimeno, onde estou traduzindo a Bíblia. Mesmo antes de eles receberem ensino cristão, eu tentei traduzir a lista de pecados mencionados por Jesus em

Marcos 7. Quando cada pecado estava sendo descrito, eles me davam o termo local para o mesmo. Eles também mencionavam outros pecados da sua cultura.

O que seus antepassados diziam a vocês a respeito destas coisas? Perguntei-lhes.

“Ah, eles disseram que não devíamos fazer estas coisas”.

“Vocês acham que estes padrões que os antepassados deram a vocês eram bons?” Eles concordaram unanimemente que eram bons.

“Então vocês seguem estas regras?”

“Não”, eles responderam de mansinho e envergonhados.

Um líder disse: “Definitivamente não. Quem jamais poderia seguir todas elas? Nós somos gente da terra.”

Aproveitei esta oportunidade para explicar que Deus esperava que eles cumprissem seus próprios padrões sobre o que é certo, e que Ele estava irado, porque eles não os tinham cumprido. Então lhes expliquei que era porque eles não alcançaram seus próprios padrões que Deus mandou seu Filho para carregar o castigo deles, para que eles pudessem ser ligados novamente a Ele.

Este foi um passo crucial em direção à conversão deles. Pela primeira vez as Escrituras foram ligadas àquilo que Deus estava lhes dizendo através de suas próprias consciências. Dentro de um ano, a maior parte das pessoas da aldeia tinha se entregado a Jesus.

Após este dia em 1967, eles nunca perderam a consciência de que Deus na Bíblia está preocupado com seu comportamento diário e não somente fala sobre tabus estranhos. A partir de então, eles mudaram sua fonte de autoridade da tradição herdada para as Escrituras, e eles tem aprendido como Cristo, através do Seu Espírito, pode habitar dentro deles e dar a eles o poder para seguir padrões que eles não conseguiam seguir anteriormente. Tudo isto os levou a um relacionamento vital com Deus e produziu uma igreja indígena (autóctone) forte.

Nota:

Embora qualquer discussão sobre pecado e consciência deva tratar de uma grande variedade de situações, esta visão não deve ser confundida com “ética situacionista” que é profundamente diferente. A ética situacionista encoraja pessoas a seguirem suas próprias racionalizações e interpretações de amor, em cada situação específica, mesmo que eles saibam que estas difiram das da Bíblia. O ponto de vista popular desta moralidade nova, ignora em grande parte a Bíblia como guia de conduta atual, apesar de que a formulação original de Fletcher (1966) sugere o uso dos dez mandamentos como diretrizes. A ética situacionista ignora também a necessidade de amor e obediência a Deus, a realidade do pecado e da culpa, e a importância de fazer o que se percebe ser justo a fim de crescer no entendimento do que é justo. Os propósitos deste trabalho, porém, baseiam-se na Bíblia, e incluem estes fatores ignorados pelos situacionistas.

Referências Citadas:

- BARRETT, David. *Schism and Renewal in Africa: Analysis of Six Thousand Contemporary Religious Movements*, Nairobi: Oxford University Press, 1968.
- BEALS, Alan B. *Gopalpur, A South Indian Village*, New York: Holt, Rinehart & Winston, 1962.
- DYE, Sally F.. “Decreasing Fatigue Illness in Field Work” *Missiology, An International Review* 11:79-109.

- FLETCHER, Joseph. *Situation Ethics*, Philadelphia: The Westminster Press, 1966.
- GROUNDS, Vernon. "The New Morality What's Right With the New View of Wrong?" *His*, May. 1967a.
- "The New Morality: What's Wrong With the New View of Right?" part 1, *His*, October, 1967b.
- "The New Morality: What's Wrong With New View of Right?" part 2, *His*, November, 1967c.
- IRWIN, Barry. "The Liability Complex Among the Chimbu Peoples of New Guinea" *Practical Anthropology*, 19:280-285, 1972.
- LOEWEN, Jacob A.. "The Social Context of Guilt and Forgiveness" *Practical Anthropology*, 17:80-96, 1970.
- MENNINGER, Karl. *Whatever Became of Sin?* New York: Hawtorne Books, 1973.
- NOWRER, O. Hobart. *The Psychiatry and Religion*, Princeton: D. Van Nostrand Co, 1961.
- NORBECK, Edward. *Religion in Primitive Society*, New York: Harper and Row, 1961.
- NUTINI, Hugo C.. "Polygyny in a Tlaxcalan Community" *Ethnology* 4: 123-147, 1965.
- PIKE, Jenneth L. *Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior*, Glendale: Summer Institute of Linguistics, 1954.
- "A Stereoscopic Window on the World", *Bibliotheca Sacra* 114: 141-155, 1957.
- SCHAEFFER, Francis. *Death in the City*, Chicago: InterVarsity Press, 1969.